

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

AGENTE NO BRAZIL : FRANCISCO GONÇALVES DE QUEIROZ
Rua da Quitanda, 78, Rio de Janeiro.

GERENTE EM PORTUGAL : DAVID CORAZZI
42, rua da Atalaya, Lisboa.

Vol. 1º

PARIS, 30 DE SETEMBRO DE 1877

NUMERO 2



Nasceu aos 28 de Março de 1810

ALEXANDRE HERCULANO

Falleceu aos 13 de Setembro de 1877

SUMMARIO

TEXTO

Correio de Paris.	Guilhermino de Sá.
Alexandre Herculano.	Anthero de Quental.
Adolpho Thiers.	Salomão Saragga.
O Vendedor de Coracos.	
P. Paulo Rubens.	Oliveira Martins.
A morte negra.	Emílio Moreno.
A fada azul.	León Gozlan.
Guerra de Oriente.	
Revista bibliographica.	João Tedeschi.
Variedades.	

GRAVURAS

Alexandre Herculano. — Adolpho Thiers. — O Vendedor de Coracos. — Retrato de Rubens. — Retrato da segunda mulher de Rubens. — Bachi-Buzuks. — Bulgargos enforcados pelos Turcos. — Apanhado com as mãos ensanguentadas.

CORREIO DE PARIS

A temperatura vai esfriando e as famílias que estavam a banhos ou no campo começam a regressar. Já quasi todos os theatros abriram, e alguns até romperam no excesso de appresentar peça nova. Paris muda de physionomia. Já se não pôde dizer que a elegante franceza tem vergonha de apparecer na rua, como acontece durante o verão. Ainda o inverno não começou e já todos estão a postos. Só a alta aristocracia não se conforma com este uso. Em geral, as famílias nobres, não regressam antes do dia de Anno-Bom. Passam o natal nos seus solares e castellos da provincia. A alta burguezia, a burguezia millionaria, essa para em tudo imitar a aristocracia, ou regressa em Janeiro, ou se volta antes, fica sequegada em casa, limitando-se quanto muito a ir a algum theatro. Bailes só começa a dal-os de Janeiro em diante. As embaixadas e a aristocracia não os dão antes; a burguezia conforma-se; não altera os usos; se não inventa, copia fielmente.

Pôde-se dizer sem receio de parecer exagerado que mais de um milhão de pessoas se descobriram quando passou o caixão que encerrava o cadaver de Thiers. Pelas ruas e *boulevards* por onde passou o prestito não havia uma só loja aberta. N'estas circumstancias o commercio de Paris portou-se como devia; porque Thiers era o idolo da classe. Reunia em si todas as condições e qualidades para ser considerado pela classe média de Paris, o maior homem do seu tempo.

Ministro mais d'uma vez, académico, presidente da Republica, condecorado inumeras vezes, escriptor á altura do seu publico, que mais se poderia desejar? Para em tudo ser perfeito como modelo do genero, era industrial e rico. Que digo eu? riquissimo. Só a casa que habitava, com as collecções d'arte, moveis, etc., é avaliada pelos entendedores em mais de 900 contos de reis. Thiers passava por ser bom catholico; mas o que não sei é como fará para entrar no paraizo com tão enorme bagagem. Ainda que muito habil na discussão, como se arranjará para não ir de encontro ao que disse Jesus! « É mais facil passar um cabo pelo fundo d'uma agulha, do que um rico entrar no paraizo. » Eu por mim considero o caso muito mais complicado do que parece.

Seja como fôr cá na terra adquirio ce'lebridade

com o seu talento. Ainda assim julgo que o seu nome não fará companhia áquelles que representam as verdadeiras glorias nacionaes. Os francezes n'este sentido distinguem perfeitamente. O signal mais evidente de canonisação d'um homem celebre é a suppressão da palavra *senhor* como tratamento antes do nome. Repugna á indole do idioma francez, falar-se d'um homem celebre depois da sua morte, designando-o pelo *senhor fulano de tal*. Aquelle *senhor* sôa mal, e achata os méritos do individuo, quando considerado como ente fôra do vulgar. Assim ninguem diz hoje o Sr. Dumas, o Sr. Voltaire, o Sr. Méry, o Sr. Lamartine, o Sr. Balzac, o Sr. Cuvier, nem o Sr. Thierry. Seria extremamente ridiculo dizer-se o Sr. Meyerbeer, o Sr. Alfredo de Musset ou o Sr. Berryer.

Pois o nome de Thiers conservará por muito tempo o *monsieur*, como marca indelevel, e sello indestructivel de burguezia. O seu nome não é propriedade nacional, porque Thiers era burguez em tudo o que fazia. Actos e palavras estavam d'accordo com a indole e inclinações. Eis a razão porque esta pequena formalidade, do *monsieur*, satisfaz a todos: clero, nobreza e povo. Apesar d'isso, é triste. Ter um homem escripto dezenas de volumes d'istoria, ter pronunciado centos de discursos no parlamento, ter representado o seu paiz nas côrtes estrangeiras, ter sido nomeado deputado por 26 circulos differentes no mesmo dia, ter conseguido libertar o territorio da sua nação, ter chegado ao alto cargo de presidente da Republica, ter feito mil outras coisas mais, com tacto, habilidade e talento, e no fim de tudo, só por possuir meia duzia de tostões mais do que outro qualquer, e ter escripto muitos volumes em estylo accomodado á feição do publico que o applaudia, ver a sua memoria e o seu nome vinculados á formalidade do *senhor*!

Paris transforma-se com a mesma rapidez, com que se transformava no tempo da administração do barão Haussmann. As demolições e as reconstrucções succedem-se vertiginosamente. As principaes vias concluidas este anno são a avenida da Opera, e o novo *boulevard* Saint-Germain, o qual, com o denominado Henrique IV que se lhe segue, fórma uma extensão de 5 a 6 kilometros orlada por magnificos palacios e esplendidos edificios. Creio que não ha cidade no mundo que edifique em dez annos tanto quanto Paris edifica n'um só. D'uma cidade como era, mal construida, cortada por vias estreitas e tortuosas, mal calçada, mal allumiada, suja e sem policia, teem os francezes feito uma cidade com innumeros *boulevards* e ruas largas, espaçosos *squares*, vistosos parques, grandiosos edificios, cheia de ar, de luz e de movimento. É verdade que o edificio antigo comquanto máo para habitação tinha uma physionomia caracteristica, e os modernos parecem-se uns com os outros, embora sejam mais appropriados ao fim a que são destinados. Mas que importa? Se a cidade é assim menos pittoresca, ganhou incontestavelmente na belleza das linhas, e na elegancia dos contornos. O aspecto geral é sem duvida superior ao das outras capitais. Para obter este resultado tem-se feito enormes sacrificios. O municipio não hesita quando pôde mandar deitar abaixo os velhos casebres, e construir, nos lugares que elles occupavam antes, ruas espaçosas e elegantes edificios.

Ignoro como procede em taes occasiões a Camara municipal de Paris, ou antes a *Prefeitura do Sena*; mas supponho que emprega o seguinte meio. Sobem n'um balão até chegar a uma altura da qual possam

dominar as casas, e d'ali examinam o aspecto da cidade. Se um ou outro ponto lhes não agrada, ou porque as ruas sejam tortuosas, ou porque tal ponto não tenha facil communicação com outro, ou porque consideram que seria agradável á vista formar ali uma praça, acolá construir um monumento, n'outro lugar rasgar uma rua para embellezar o aspecto geral, ou por um motivo ou por outro decidem logo arrasar uma parte e construí-la de novo. Estas decisões custam ás vezes 15 mil contos como aconteceu com a construcção da Nova Opera, e outras vezes 50 a 60 mil contos como succedeu com o *boulevard* St.-Germain. Não se passa um anno que a obra não esteja realisada, com geral approvação. O parisiense bate as palmas e applaude com enthusiasmo todas estas innovações. No meio d'este concerto de louvores, ouve-se a voz dissonante d'algum velho octogenario que clama, dizendo que no seu tempo as ruas eram mais estreitas, que não eram tão frias, que está tudo perdido, que os modernos estão doidos, que arrasar assim é um desafôro sem consideração alguma pela passado, e mil outros desabafos filhos dos desdens da idade que o empurra para a cova, enquanto a saudade dos seus tempos lhe recorda o passado.

~~~~~ Talvez que os velhos tenham razão. O homem moderno, só por ter descoberto o vapor, os caminhos de ferro e o telegrapho, ufana-se, julgando que a sua sorte melhorou. Eu porem não vejo que esteja mais feliz. É verdade que as communicações são mais faccis, que o homem satisfaz as suas necessidades com menos custo, que o numero dos que vegetam na miseria é menor, que o luxo e as commodidades augmentaram, que a sciencia tem esclarecido e auxiliado muito a industria. Mas é este o ideal do homem? O numero dos que se consideram felizes é maior? Ha menos illusões, dizem. O século é mais positivo do que os antecedentes. A hygiene sobretudo fez progressos. Creio. Mas para que são tantos progressos, tanto cansaço? Por ventura a dôr deixou de ser companheira inseparavel do homem? Acaso diminuiu d'intensidade? Valeu a pena sustentar o homem n'este cairel a que se chama mundo mais cinco annos, com a tal hygiene e os taes progressos prolongando-lhe os soffrimentos? Não sei. Talvez os velhos tenham razão. O mundo novo não vale mais do que o antigo.

GUILHERMINO DE SA.

ALEXANDRE HERCULANO

A morte de Alexandre Herculano não é sómente um luto para a litteratura portugueza: é um verdadeiro luto nacional.

Ultimo representante d'uma illustre geração, em quem o forte genio portuguez reverdeceu ainda n'este século com uma seiva tardia, Alexandre Herculano, era mais dos que um grande escriptor: era, em toda a força dos termos, um grande homem, uma d'estas raras individualidades em quem se reflecte, como n'um espelho, o caracter d'uma raça, em quem um povo reconhece, por uma intima afinidade, a expressão genuina do seu temperamento intellectual e moral, nas idéas e nos sentimentos, nas qualidades culminantes e até nos defeitos caracteristicos.



Antes de tudo, Herculano foi isto: um *representative man*, como tão bem dizem os inglezes, o representante do genio da sua nação: e foi este intimo sentir de patriota, que penetrava o seu ser, decidindo dos seus gostos e das suas opiniões, que determinou irresistivelmente a sua vocação litteraria. Escrever a historia do seu paiz não é, com effeito, entrar em communicação directa com a alma nacional, viva e palpitante, para quem a sabe interrogar com amor, nas instituições, nos feitos, nas crenças, em todos os factos d'uma grande existencia collectiva? Foi esse amor, essa paixão que lhe afinou o entendimento, abrindo-lh'o a uma sciencia nova, a uma critica alta e severa ao mesmo tempo que penetrante, e lhe armou o animo com a coragem necessaria para enterrar contente os melhores annos da existencia n'esse obscuro hypogeu da historia, onde muitos só encontram a satisfação d'uma curiosidade erudita, mas onde elle buscava ardentemente, como ensinamento e talvez como consolação, os reflexos d'aquella luz moral que sae das gerações fortes e creadoras.

É que o historiador era tambem um poeta e um crente. O seu nobre espirito sentia-se confrangido na fria atmosphera de scepticismo e indifferença, que tantas vezes degeneram em pequenez moral, da nossa época perturbada, e refugia para o passado, onde entrevia figuras amigas, d'onde lhe fallavam vozes fraternaes, cuja linguagem rude mas sincera e grave elle comprehendia melhor do que os requêbros artificiosos dos delicados do dia.

Na physionomia moral de Alexandre Herculano ha certas linhas que fazem lembrar o perfil energico e simples dos heróes typicos da nacionalidade portugueza. Pertencia a essa grande linhagem, que acabou com elle — e o seu século, admirando-o, considerava-o todavia com um certo espanto inintelligente, como se sentisse vagamente que aquelle homem pertencia a um mundo extinto, um mundo cujo altivo sentir já ninguém comprehendia.

E acabavam, com effeito, por não se comprehenderem.

O século, levado na carreira vertiginosa d'uma revolução moral e social cujo termo ninguém pôde prever, escutava entre distraído e impacientado aquella voz austera, que lhe fallava de virtudes esquecidas, de idéas que já não pareciam mais do que simulacros, de instituições em que já ninguém via mais do que engenhosos artificios — e espantava-se de encontrar tantas illusões unidas a tanto genio e tanta sciencia. Elle pelo seu lado, persistia e como que se endurecia n'essas generosas illusões, que eram as crenças a que devotára a vida inteira, considerava entristecido mas não abalado o espectáculo da vertigem e da corrupção contemporaneas, que talvez lhe parecessem providenciaes, e o seu amargo sorriso continha muitos desdems, mas nenhuma retractação.

Só a morte podia pôr um termo a esse dissentimento, que estava na natureza das coisas.

Não nos cabe a nós ser juizes entre um grande homem e uma época, que tantos acclamam gloriosa, em quanto outros persistem em tê-la por mesquinha. A historia (como ás vezes succede) dará talvez razão, ao mesmo tempo, á época, que não podia ser maior nem melhor do que as circunstancias a fizeram, e ao homem nobre e sincero cuja altiva integridade repugnava invencivelmente a que pactuasse com o abaixamento moral dos contemporaneos, embora tal abaixamento lhe parecesse providencial, preferindo a attitude isolada e austera do protesto e as más vontades que ella provoca nos caracteres vulgares, á influencia e dominação alcan-

çadas pela connivencia com as paixões, os desvarios e os vícios da época.

Ha glorias mais brilhantes e ruidosas: nenhuma pôde haver mais pura.

ANTHERO DE QUINTAL.

## ADOLPHO THIERS

Não tentarei escrever a biographia do homem extraordinario que a França acaba de perder, e que durante 50 annos representou um papel tão importante em quasi todos os acontecimentos politicos do seu paiz. Impede-me de o fazer não só o estreito espaço a que tenho de me restringir, como a indole d'esta publicação que exclue todos os assumptos politicos. Ninguém na Europa ignora os principaes feitos da vida laboriosa d'este homem eminente, que ainda no dia da sua morte se levantára meia hora mais cedo do que o costume, isto é ás quatro e meia da madrugada, para proseguir com o seu ardor habitual a tarefa encetada na vespera, e de que não devia largar mão até ao ultimo momento. Esta submissão ao trabalho incessante, foi-lhe guia e norma durante uma longa e accidentada carreira politica. Escriptor, jornalista e historiador aos 25 annos, ministro aos 35, sócio da Academia Franceza aos 36, chefe de opposição aos 38, presidente da Republica franceza aos 73, nem antes nem depois de assumir os mais altos cargos nunca um instante deixou este espirito de agitar-se e mover-se.

Critico d'arte aos 22 annos, escrevia elle então que o homem não veio ao mundo senão para manifestar a sua actividade. Muito depois na *Historia do consulado e do Imperio* accentua ainda mais esta idéa, dizendo: « O homem, ou tenha ou não por destino o ser feliz, é certo pelo menos que nunca a vida lhe é insupportavel quando se agita extraordinariamente... » Tal foi o principio dominante de toda a sua vida. Agitar-se, mover-se. Poderia ter acrescentado, para que o principio fôsse em tudo conforme com as suas obras: equilibrar-se.

Critico, historiador, estadista, economista e orador, as qualidades essenciaes do seu espirito eram as de um politico. Thiers representava em alto grão as boas qualidades médias do character francez. Das qualidades raras que são o apanagio dos grandes homens de França nas letras ou nas sciencias, difficilmente se lhe encontraria alguma.

O seu ponto de mira foi sempre o da classe média da França, isto é a implantação da melhor forma de governo adequada ás circunstancias do momento, sem se inquietar com o porvir, nem attender ao fermento d'idéas que lavra sempre até produzir commoções violentas. Que o nivel moral suba ou desça; que os interesses moraes sejam bem ou mal representados; que as varias opiniões vejam ou não a luz publica; que haja ou não estorvos á livre manifestação do espirito scientifico, quer na cathedra quer na imprensa, são outras tantas questões d'interesse secundario. O que importa é que possam vender, comprar e enriquecer os que puderam chegar á posição de o fazer. Fóra dos interesses materiaes, nenhum elemento concorre para a civilização d'um paiz, segundo este modo de ver. Todos os regimens politicos podem moldar-se e satisfazer a este programma, com tal que mantenham a paz como estrangeiro, e que facilitem os meios para que a industria e o commercio enriqueçam os que os exercem.

Como escriptor, o seu estylo era fluente e a sua linguagem clara como a dos bons publicistas francezes; mas não possuia aquelle dom que faz distinguir as obras d'um escriptor, e que é exclusivo das individualidades bem caracterisadas; o seu estylo não tinha feição alguma peculiar por onde se tornasse saliente.

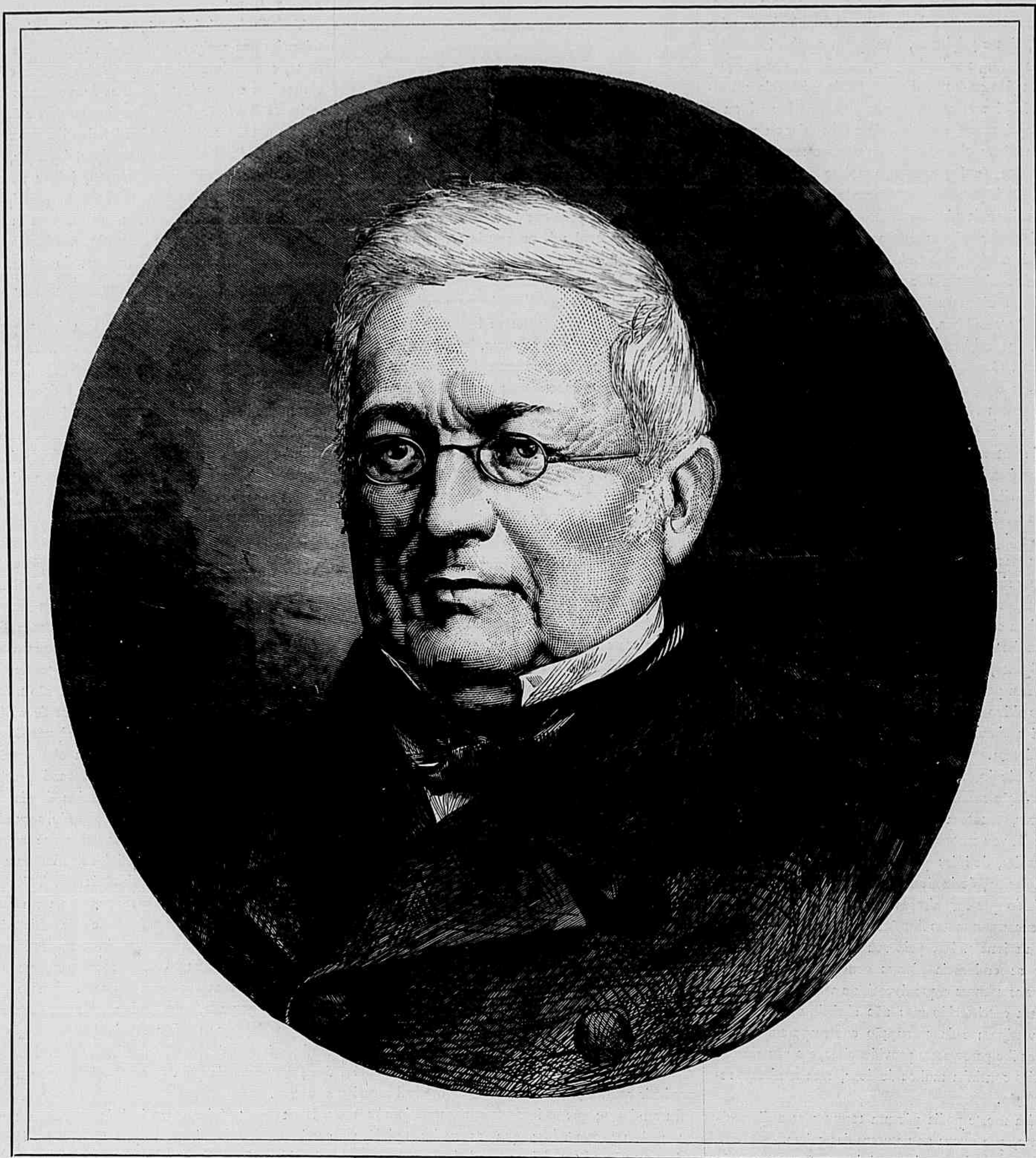
Trabalhador infatigavel, assiduo investigador, minucioso na analyse, apaixonado, tenaz e perseverante, conseguiu com estas qualidades levar a cabo em muitos annos de trabalho as duas extensas historias da *Revolução Franceza*, e do *Consulado e Imperio*. Se um tão curto periodo historico lhe mereceu o trabalho d'um tão longo escripto, é porque, segundo o processo n'elle empregado, julgou necessario relatar não só os acontecimentos principaes d'aquella memoravel época, como tambem entrar em minudencias acerca do abastecimento das tropas, do numero de rações de forragem, do soldo, do calçado do exercito, e outras mil miudezas d'este genero.

Para satisfazer aos ardores d'uma investigação tão vasta e minuciosa não se poupou ao trabalho de visitar todos os archivos que lhe podiam ministrar subsidios, não deixou de compulsar documento algum que lhe podesse ser util, nem houve testemunha aproveitavel que não consultasse. Não o desanimam os obstaculos, nenhuma difficuldade o atemorisa, e sem nunca descorçoar, nem vacillar, finalisa aquelle padrão do que pôde a actividade do homem de talento, quando empregada a desentranhar e expôr com intelligencia os factos d'uma época. O estudo das finanças, e o da administração estão ali magistralmente tratados. Em estrategia foi até aonde nenhum dos historiadores do seu tempo chegou, nem tentou chegar, se exceptuarmos Jomini e outros especialistas da materia. São raros os volumes, com especialidade os que pertencem á *Historia do Consulado e Imperio*, em que não transpareça o politico. O leitor não carece de muita perspicacia para saber a data em que alguns fóram escriptos. Quando aquella longuissima enumeração de factos cessa um instante, para dar lugar á apreciação de historiador, vêsse logo o politico do dia escrevendo com paixão a historia do passado, segundo as necessidades momentaneas da causa que serve. Thiers nunca adoptou os principios que inspiraram a grande e admiravel escola fundada por Thierry. Para elle a historia era um vasto panorama em que os factos se succedem aos factos, e que o historiador deve expôr fielmente, limitando-se apenas a fazer considerações praticas sobre os successos passados, atravez do prisma das idéas actuaes. Para se ser historiador por esta fôrma, é de suppôr que julgasse dispensavel passar a vida a estudar philosophia, e é tambem de suppôr que não acreditasse que a historia fôsse uma sciencia que tivesse correlação com todas as outras.

N'este ponto foi sempre inabalavel. Nunca consentio em deixar-se inocular pelo espirito moderno scientifico. Se a França seguisse os dictames da sua economia politica fecharia as fronteiras á introdução das mercadorias dos paizes que fizessem concorrência á industria franceza, e sairia fóra da communhão europêa. Foi sempre um ardente defensor do systema proteccionista. Doutrinario ferrenho d'estas idéas, nada o pôde mover do seu proposito. Todos os argumentos, todas as apreciações de factos, todas as deducções vinham cair diante d'aquella dogmatismo tenaz e insistente.

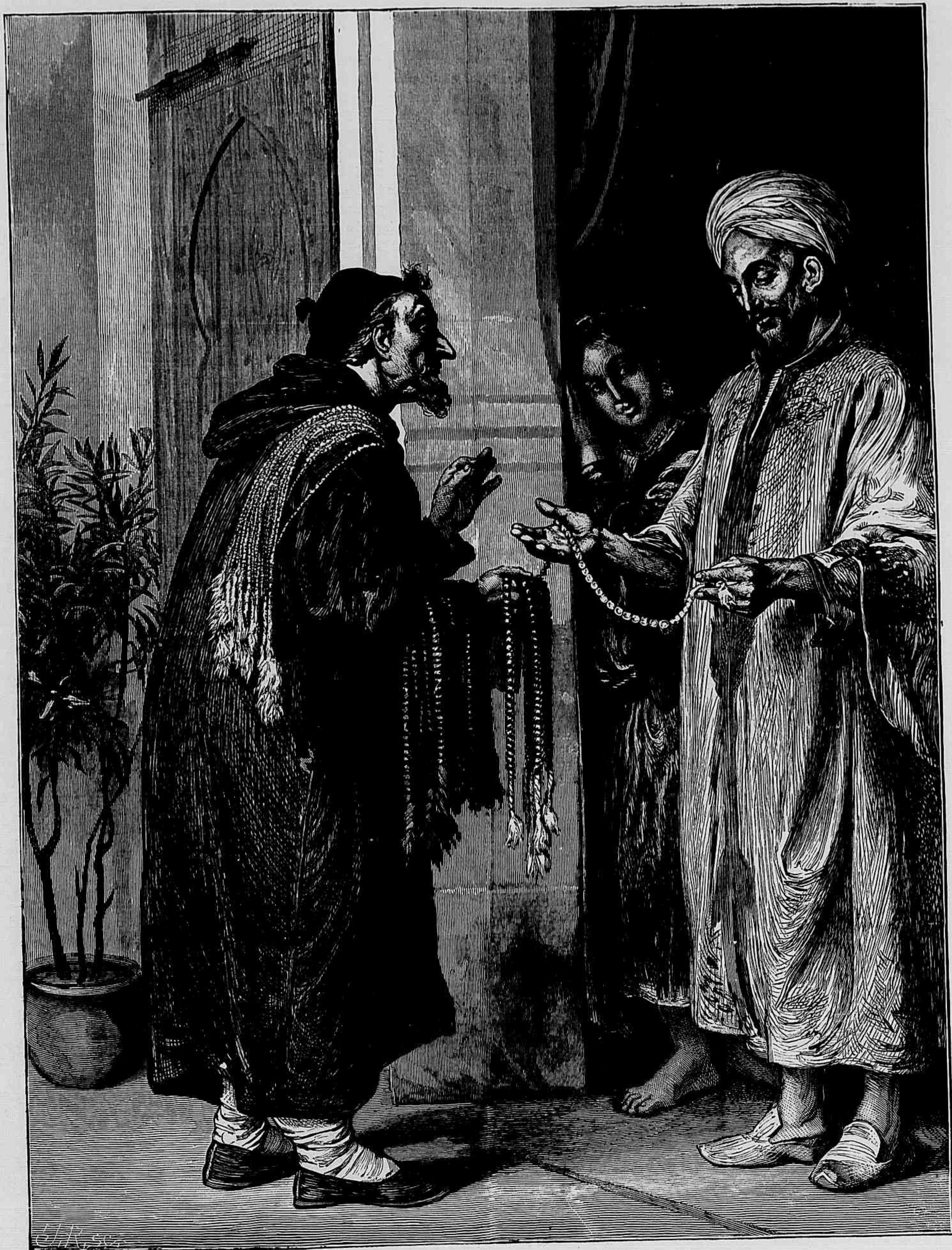
No parlamento francez onde tantas vezes defendeu estes principios, foi sempre escutado com attenção, não obstante a antipathia do auditorio por estas





ADOLPHO THIERS





O VENDEDOR DE CORAES. — QUADRO DE J. E. HODGSON



idéas. Escutava-o respeitosa a camara, porque tinha um talento incontestavel de orador. Muito verboso, dotado d'uma expressão clara e simples, de muita rapidez e facilidade na réplica, com estas admiráveis qualidades tratava todas as questões commercialmente, sem elevação nem originalidade. Tinha assim a habilidade de prender a attenção da camara sem nunca a arrebatá-la, e com tal arte encadeava os argumentos e ensarilhava as phrases, que no meio d'aquella catadupa de palavras, mais d'uma vez conseguio fazer brotar a perplexidade no seio d'um auditorio que lhe era adverso. Foi isto que fez dizer a Cermenin que nenhum orador era tão difficil de combater quando ouvido, nem tão facil de refutar quando lido.

Na sessão de 15 de Julho de 1870, Thiers oppoz-se energicamente á guerra que ia romper entre a França e a Prussia. Não o quizeram ouvir. É d'esta data que começa a sua glorificação. Logo após o 4 de setembro offereceu o auxilio da sua longa experiencia, e da influencia que julgava ter o seu nome nos gabinetes da Europa, para sollicitar d'elles uma intervenção. Aceitaram-lhe a offerecimento e vio-se então aquelle homem de 73 annos, arrostando os rigores do inverno, affrontando os desdens, as recusas e as humilhações das côrtes estrangeiras, bater a todas as portas sem trazer á patria nenhuma outra coisa mais do que estereis promessas.

A nação franceza remunerou-o largamente, nomeando-o deputado á Assembleia Nacional por 26 circulos diferentes. A Assembleia nomeia-o chefe do poder executivo e encarrega-o de assignar a paz. Em 31 d'Agosto de 1871 é-lhe conferido o titulo de presidente da Republica. É então que Thiers adquire verdadeiros titulos de gloria perante a posteridade consagrando a sua actividade e talentos á libertação do territorio francez. Auxiliado pelo poder legislativo e pelo patriotismo da França inteira consegue levantar um emprestimo fabuloso, e com elle expulsar do territorio o inimigo vencedor.

Se Thiers dêsse por terminada com aquelle acto a sua já longa carreira politica, ou pelo menos quando desceu do poder a 24 de Maio de 1873, teria dado uma prova incontestavel de que já quasi octogenario não visava o outra coisa que não fosse a felicidade da patria. Mas não: preferio até ao ultimo momento, fazer o que tinha feito até então quando fôra do poder, empregando os seus dias sem descanso nem tréguas a minar os alicerces do poder que não tinha nas mãos. Em vez da gloria perduravel que lhe adviria por ter contribuido eficazmente para um dos maiores feitos financeiros e patrióticos que ainda se vio, preferio prestar-se á critica dos seus adversarios, e deixar em duvida se trabalhava exclusivamente para o bem do seu paiz, ou para disputar a posse do poder que lhe tinha escorregado das mãos. Como politico, tendo passado a vida inteira a atacar o systema republicano, os acontecimentos elevam-no a presidente da Republica, e depois consente pelos seus actos e manifestos que se ponha em duvida se a sua adhesão era sincera, ou se a não daria tão inteira, caso essa Republica dispensasse os seus serviços como presidente.

Não parou onde parece que devia parar. Rodeado dos objectos d'arte que tanto estremeceu sempre, convivendo com os amigos que mais queria, cercado pela familia que adorava; aos baldões entre a sede insaciavel do trabalho e a avidez do poder, passou.....

Embora. Este homem que não teve outro ideal senão o do movimento continuo, o da actividade intelligente e incessante em todos os terrenos, ora no da politica, ora no da historia, ora no da critica,

sempre em busca de verdade, que elle julgava alcançar inteira, não pôde ser contado no numero dos que passaram sem legar memoria assignalada. Não. Seria injusto confundil-o com os que nascem, vivem e morrem sem deixar rasto da sua passagem.

Os que quizerem amesquinhar o merito d'este homem eminente, que digam se estavam promptos como elle a não desamparar o posto, e a arriscar todos os credits adquiridos durante uma longa vida de trabalho, pela integridade das suas idéas, e pelo bom exito das do seu partido.

Quando o tempo dispersar os odios que as paixões humanas accumulam sobre a sepultura dos homens politicos, ver-se-ha aquella cabeça intelligente cercada pelos loiros, que só conquistam os que chegaram aos mais altos postos á força d'improbo trabalho.

SALOMÃO SARAGGA.

Paris, 15 de Setembro de 1877.

### O VENDEDOR DE CORAES

O trajo do judeu que habita os paizes em que se falla arabe é aquelle. Nós chamamos-lhe « O Judeu da tamará. » Quem te havia de dizer filho de Israel que depois de symbolisares na historia antiga o ideal e a crença n'um Deus unico, virias a ser no fim de séculos o typo do ideal moderno — o lucro — a ganancia. As filhas de Sião não choram só pela perda do templo, choram porque em vez de conduzires em tempos de paz os teus rebanhos, como fazia Jacob, e em tempos de guerra combateres pela tua crença como praticavam os teus antepassados, andas pelo mundo qual ave de rapina, vendendo tamaras e coraes e empolgando os dobrões para os accumulares na burra. Substituíste a ara pela caixa, o tabernaculo pelo escriptorio, a fé profunda pelo amor inveterado ao dinheiro; mesclaste o culto de Deus unico com a idolatria de Mammon, e converteste todas as tuas aspirações n'uma só — a de chegares a banqueiro para emprestares aos governos com módico juro. Anda, mixto de fé e torpeza, de humildade e arrogancia, os teus dias ainda não foram contados. Passeia pelo mundo a tua decadencia, prodigiosa de actividade e abundante de baixezas, até que possa ser revelado o segredo da tua duração atravez de todos os cataclysmos sociaes. A tua profunda vitalidade resistio aos embates da Assyria, da Persia, da Grecia, de Roma, do Imperio do Occidente e ás perseguições da Idade Média. Prevaleceste contra tudo e contra todos, milagre de tenacidade e equilibrio.

O Sr. Hodgson é um artista eminente. Ninguém apresenta commo elle tão fielmente os typos de Oriente. O arabe não pôde resistir ás boas razões que lhe dá o Judeu. Não haja duvida que acabará por comprar os coraes. O judeu diz-lhe que são quasi dados. Quando essa razão não fôsse bastante forte para o decidir a comprar, havia outra, e é a rapariga desejal-os ardentemente. Nunca a sua alma cobioou tanto uma coisa, como a posse d'aquelles coraes. O judeu não a perde de vista. Se se não resolvem depressa, não tarda a offerecer-lhes outros peores por dobrado preço, e então não resistem.

### P. PAULO RUBENS

Antuerpia, a patria adoptiva do grande artista flamengo, acaba de assistir ás festas do tricentenario de Rubens. Não ha quarenta annos ainda que o bicentenario do nascimento do pintor era solemnizado com as pompas que acompanharam a inauguração da Estatua colossal da *place Verte*. A especie de culto que em nossos tempos as nações prestam aos seus grandes homens é decerto um symptoma das necessidades religiosas dos espiritos, que não podem já satisfazer-se com os symbolos e canons

venerados pelas passadas gerações; mas essa especie de culto, exterior e espectacular, é tambem de certo incapaz de preencher o lugar vago nas consciencias.

O culto dos grandes-homens é como que uma religião burocratica; e as festas iniciadas e regulamentadas pela authoridade são uma especie de missa de secretaria, onde geralmente os pequenos grãos de entusiasmo e de fé morrem opprimidos sob as dalmaticas e amiculos, sob as estolas e mitras, dos sacerdotes civis.

O scenario d'estas cerimoniaes é por toda a parte o mesmo, e Antuerpia assistio, — ao que dizem os *reporters*, — á monotona successão de arcos triumphaes e bandeiras, de procissões e *speeches*, de côros, repiques de sinos, concertos, regatas, exhibições e salvas, com que em toda a parte se festejam os dias officialmente solemnes, as chegadas dos principes e as aclamações dos soberanos. Sevilha para o centenario de Murillo correria touros, em Antuerpia correram barcos em honra do grande mestre. No estylo consagrado a esta especie de cerimoniaes usa-se chamar a taes funcções pagamento de dividas nacionaes. Como quer que seja, as populações folgam; e se o espirito dos grandes do passado mantem consciencia do que hoje vae pelo mundo, será decerto motivo de boa e santa ironia para elles o verem que, sob pretexto do que fôram na terra, pasmam os simples admirados, as creanças todas em riso e alegria, e os homens graves, condecorados e de farda, incham satisfeitos de sentir a realidade com que fazem de personagens.

Antuerpia juntou ás cerimoniaes usuaes em taes casos, — e era de rigor fazê-lo, — uma exposição de gravuras das obras do mestre, cuja fecundidade pasma os entendidos: contam-se por mais de mil, e d'entre o numero extraordinario das telas de Rubens, a cathedral de Antuerpia possui a da *Descida da cruz*, considerada geralmente como a sua obra-prima. Abundam os quadros de Rubens pelos museus da Europa; e dos caracteres do artista e dos episodios da sua vida assaz se tem dito, para que o leitor agradeça a repetição. Portugal, tão pobre em riquezas d'arte, possui porem, no dizer do conde Raczynski, o fudador do museu de Berlim, uma *Ressureição*, que o amavel critico considera uma das produções mais nobres de Rubens; essa tela existe no côro da egreja das Mercês de Lisboa.

Pintor e litterato, artista e humanista, *grand-seigneur* opulento e diplomata, Rubens é uma das figuras que apparecem na historia sobre o fundo quente, luminoso e vivo da Renascença. A sua aptidão é geral, a sua actividade omnimoda. Viver é para elle agitar-se, mover-se, respirar, absorver e gozar de tudo o que o mundo sensível possui activo; mas essa existencia não se cifra n'um egoismo, senão em uma comprehensão exterior e como que inconsciente da vida. Derrama a tinta a flux sobre leguas de tela, mas esse furor de composição não embaraça nem estorva a habilidade do diplomata, nem a regra e boa-ordem burgueza com que tem na opulencia uma familia adorada. Rubens é o genio dos artistas fortes e fecundos, sem serem poetas. Nenhuma allucinação turva o seu olhar, nenhum tremor nervoso lhe impelle a mão; pinta o que vê, o que sente, o que pensa, e como vê, sente e pensa com grandeza e esthetica, as suas obras são obras de arte, sem pertencerem á arte dos immortaes, dos seres em cuja alma superior Deus imprimio a sua figura. Para esses a arte é reveladora; para Rubens é como um espelho, onde os objectos do mundo exterior se repetem e se fixam na sua infinita multiplicidade. As obras de Rubens reproduzem



sob a acção do seu poderoso e inexgotável pincel os incontáveis aspectos da natureza; no espirito grandioso de um Miguel-Angeles descobrimos nós a consciencia d'um principio e *alma mater* do Universo.

Os factores de raça e clima, que alguns tem como razão bastante para explicar até as coisas inexplicáveis, entram de certo na producção do individuo de que nos occupamos, como entram na producção de todos os seres; a historia é porém a nosso ver quem pode dar-nos a explicação do genio de Rubens. Fóra da Renascença não se concebem Rubens nem Rembrandt; e não julgamos paradoxal affirmar que se o acaso não tivesse proporcionado á Flandres os dois homens superiormente dotados que lhe illustram a historia, na propria época em que os seus dotes podiam fructificar, a pintura flamenga e hollandeza jamais teria de si dado outra coisa alem d'aquillo a que Luiz XIV chamava, de certo modo com razão, *magots*. O genio positivista e pratico de flamengos produziu a pintura de *genero*, e não se concebe como podesse ter produsido outra coisa, sem o accidental concurso das faculdades excepcionaes do individuo e da excepcional época historica em que veio ao mundo. A vida pachorrenta, abundante e feliz, os curtos horisontes intellectuaes, os céos plumbeos e os musculos bem nutridos, o chão alagadiço e os membros entorpecidos, o peso no espirito e no corpo, uma natureza ao mesmo tempo prodiga de alimento e avára da luz, do calor, do ar leve e penetrante, que se respira na Italia e na Hespanha e alimenta a agudeza do engenho, a subtilidade do pensamento e a idealidade do gozo; os instinctos commerciaes egoistas, e as tendencias da sensualidade carnal, sommados ás condições exteriores da vida, fizeram dos flamengos um povo que, apesar da primitiva origem na arvore germanica, desaprendeu d'ella o culto da mystica flór ideal que é a gloria e ao mesmo tempo o perigo do temperamento allemão.

Assim, entre a mystica pintura allemã e a pintura *positivista* dos flamengos, a critica descobre differenças correspondentes á dos dois caracteres nacionaes. A casa e o seu conchegado interior, geralmente de noite, á luz; a mesa e as comidas fumegantes; as festas domesticas respirando ordem, amor, paz e mediocridade feliz no seio d'um pequeno mundo correcto e bom, especie de azylo no meio das saravadas e dos nevoeiros da região paludosa; eis uma das faces da vida, essencial ao flamengo e á sua pintura. Chega porem a hora em que replectos de comida, rebentando animalidade, transbordando sangue, sentem dentro de si uma coisa bruta (que só o culto do ideal domestica) a saltar aos pulos; e os pobres, enfatiados da ordem afinal monotona, da abundancia afinal insufficiente, largam o freio á besta da animalidade, deitam-se nos braços da embriaguez, da luxuria e da crapula; e a orgia crapulosa é a segunda face, o reverso da medalha do genio flamengo e da sua pintura.

Orgia é acaso a melhor definição do systema das obras do pintor que Antuerpia acaba de festejar. Orgia de pensamento, de assumptos, de figuras, de composição, de côres. A natureza é com effeito orgiaca para todos os que n'ella não encontram revelado o principio de ordem immanente no mundo; e a Renascença que foi, de um certo modo, o rebentar expontaneo do sentimento da natureza, é o periodo classico das orgias de toda a especie. Varia porem o phenomeno com as condições em que se dá; e se a orgia nacional flamenga é repugnante, a orgia de Rubens é a desordem de um espirito rico, em cujo seio vem pousar e combater-se as oppostas correntes, e as tendencias encontradas que agitam a época. N'essa desordem apparece decerto a nota do tempe-

ramento nacional, porque grande numero das telas do celebre pintor são bacchanas obscenas, mas essa nota não é a predominante.

Ama os opulentos e brancos seios, e as formas redondas e sensuaes das suas Venus fariam corar de pejo e repugnancia um grego; mas no incongruente amalga de tradições pagãs e christãs, de Christos e de satyros, de Magdalenas e de bacchantes, o critico é forçado a reconhecer um estado moral até certo ponto analogo ao de Camões, quando vestia a Baccho a sagrada casula e o punha de altar dizendo missa. Esse impio eclectismo da Renascença, que tudo chamava ao seio de uma omnipara natureza, é já hoje universalmente reconhecido como o primeiro e ainda inconsciente momento de comprehensão intima do mundo em que vivemos. A par d'esse naturalismo que tudo subordina a si, Rubens partilha com os Erasmos e os Rabelais, o espirito, não diremos superior, mas decerto, humano, liberal e culto, o espirito de uma tolerancia, ironia e bom-humor, que os colloca acima dos morecos que aos bandos prolongavam a Edade-media com as luctas religiosas. Educados nas letras antigas, senhores de uma cultura por muitos lados superior á cultura contemporanea, os humanistas são na Renascença os percursores do pensamento moderno: Rubens apparece entre elles.

A superioridade do artista provém da coincidência da capacidade especial do individuo e da época dentro da qual veio ao mundo; e o facto da pintura naturalista e prosaica dos flamengos ter dado de si um tão grande homem, provém da circumstancia de no seu tempo o mundo conceder a primazia ao naturalismo, ao bom senso, e ao eclectismo humanista.

OLIVEIRA MARTINS.

## A MORTE NEGRA

O terceiro marido d'Isabel morreu d'uma prolongada *queixa do peito*. A viuva, que era uma rapariga saudavel, tentadora, appetitosa, d'uma forte carnção campesina, e com a intensa vitalidade das naturezas selvagens, poderia definir-se com estas successivas desillusões. Porque ella, que passára os ultimos annos em despezas de casamentos e de enterros, estremecendo carinhosamente, com afincos e tenacidade, um marido recente, pranteava-o depois, com um tal apparatus de palavras inconsoláveis, que sensibilisava todos os que a ouviam.

Quando lhe morreu este ultimo, o José Chibante, ella chorava com um desespero tão desgrehado, que até a propria natureza austera e muda — as altas arvores, os altos montes e os negros penedos pareciam compungidos.

Porque caía n'esse momento um aguaceiro copioso e subtil, que dava, ao socego das coisas naturaes, um caracter funerario e lugubre. As densas paizagens, envolvidas d'um gaze pardacento, não se viam cortadas ao longe pelas alegres claridades das habitações. A linha irregular do horisonte não se riscava no azul das tardes serenas e desejadas. O grosso volume das penedias occultava-se nas densas nuvens, que rasgavam, transpondo montes, transpondo valles, correndo sempre, com uma impassibilidade gigantesca, como de valentes cavallos de posta.

Ora Isabel viuva pela terceira vez, sentira durante a noite o som ululante do trovão, e presenciára os ultimos momentos angustiosos de seu marido ago-

nisante. Ella, que era uma rapariga forte e com as seducções da belleza e da juventude, sentia-se aniquilada! Exprima-o com gritos angustiosos, com gestos vehementes, com palavras de desespero, d'amor, de saudade. As suas boas lagrimas, abundantes, sinceras e quentes tinham attrahido a caridade d'algumas visinhas, que lhe trouxeram logo consolações, excellentes palavras, attentões urgentes n'aquelle momento doloroso. Eram amigas e companheiras nos trabalhos ordinarios da lavoura, e que tinham assistido ao morrer dos dois maridos antecedentes d'Isabel. Por isso conheciam muito bem o que se passava, e quando ouviram os primeiros gritos alarmantes, fecharam as portas, e pelo caminho para casa da viuva, diziam cheias de tristeza:

— Então sempre se foi o Chibante?

— Parece que sim, mulher! Quem t'o havia de dizer, um rapagão como um castello!

Uma disse com um modo interrogativo:

— Eu não sei como isto é! Tanto elle como os outros, logo depois de casarem, arranjaram umas caras de bruxaria que mettião medo!

Lindoria com aspecto compadecido teve esta opinião:

— Olhae que eu *lamen* tenho pena d'ella! Digam o que disserem, ha-de-lhe custar.

— Ora!... duvidou uma terceira encollendo os hombros.

Porém estas mulheres não tinham dito tudo. Caminhando juntas, uma rematou esta conversa dizendo com naturalidade:

— Isto assim é que não tem geito. Ella não deve casar mais.

Em seguida entraram na casa d'Isabel que estava sentada na lareira, com a cabeça enregicamente apertada entre as mãos, chorando com desespero.

Ellas para a socegarem disseram-lhe serenamente e com os olhos enxutos « que não se affligisse mais, que aquillo foi vontade do Senhor que tudo manda, » e accrescentavam com fé e confiança na Infinita Misericordia:

— Olha que elle ha de estar em bom logar!...

— Deus vos ouça, Deus vos ouça — repetia muitas vezes Isabel.

As amigas certificavam-lhe:

— Ha de estar, ha de, rapariga.

Depois foram á cama ver o defunto. Estava coberto com um lençol; mas ellas descobriram-no com familiaridade, com irreverencia. Viram-no bem, de costas sobre a cama, com os punhos atados sobre o peito e com um lenço *amarrando-lhe* as maxillas para se conservarem n'uma posição decente. Aquelle lenço branco em que se enquadrava o rosto augmentava-lhe a lividez; as palpebras cuidadosamente cerradas accentuavam o ar sereno e grave d'este cadaver, que todas viam n'uma posição reflectida, com as pernas estendidas e os pés levantados no fundo da cama.

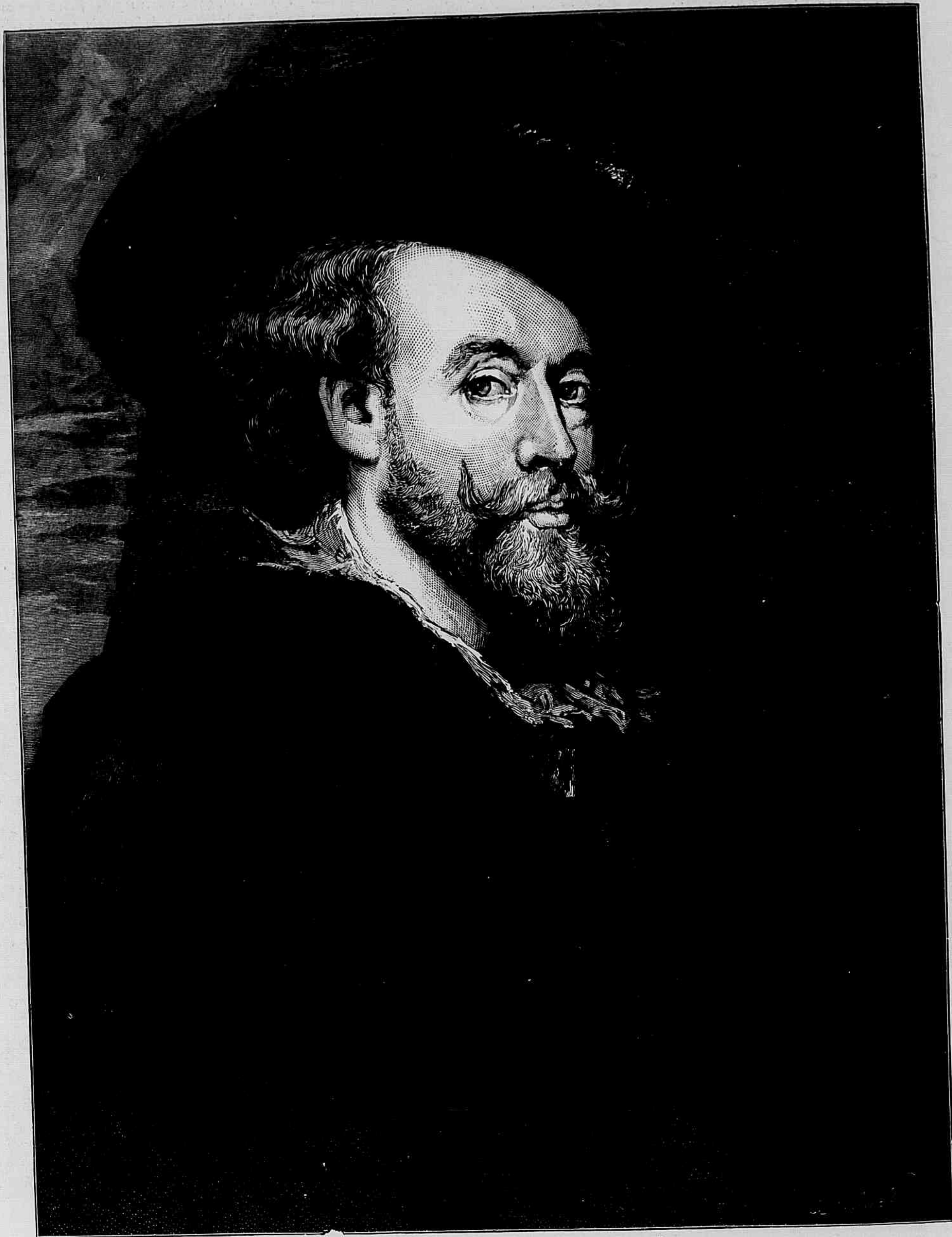
— Eu não sei como tu podes fazer isto. Eu cá se me morresse o *home* é que o não vestia — disse uma para Isabel.

Ella respondeu com uma voz commum, interrompendo momentaneamente o choro:

— Pois então? Ninguem faz isso melhor que a gente.

Porque a camisa d'altos collarinhos lavados e as calças de panno azul, tinham sido vestidas ao José Chibante, por sua propria mulher, que lhe quiz fazer este ultimo aceio, o aceio da eternidade. O defunto estava quasi preparado, com a augusta serenidade d'un morto, para a sua festa d'enterro. Uma das amigas d'Isabel exclamou sinceramente:





PEDRO PAULO RUBENS

RETRATO PINTADO PELO PROPRIO ARTISTA, ACTUALMENTE NA COLLECÇÃO DE WINDSOR, PERTENCENTE Á RAINHA D'INGLATERRA





A SEGUNDA MULHER DE RUBENS

RETRATO FEITO PELO ARTISTA FLAMENGO, ACTUALMENTE NA GALLERIA DE WINDSOR, PERTENCENTE À RAINHA D'INGLATERRA



— Como elle vae bonito e acciado!

Ella interrompeu do novo as suas lagrimas para dizer :

— É a roupa de bôda. Faço sempre assim. Quero que vão muito bonitos.

E concluiu dizendo que desejava que José fôsse de *terceiro*; porque elle era irmão d'esta ordem e ficava-lhe muito bem o habito com a sua côr parda e um cordão novo em volta da cintura caíndo-lhe as bordas sobre os pés. Ella lembrava-se muito bem de quando elle ia na procissão de passos, alinhado cuidadosamente com os outros companheiros, levando a sua tocha na mão, muito sério, já com a sua cara magra e doente, amparada nos altos collarinhos da melhor camisa. E a proposito d'isto disse, que elle estimava muito aquelle rico habito; que muitas vezes dissera que o havia de levar para a cova. E rematava :

— Ha de ir á vontade d'elle. Quero-l'ha fazer até á última.

— Fazes tu muito bem — incitavam fortemente as amigas.

Uma d'ellas foi procurar o Coruja para vir vestir o habito. O coveiro chegou resmungando e disse palavras desgostosas e insolentes quando vio o defunto quasi prompto. Depois assobiando um canto-chão e bebendo d'uma infuza de vinho, vestio o habito ao morto e ageitou-o dentro do esquife cuidadosamente, com esmero, compondo-lhe o lençol *rebicado*, e endireitando-lhe a cabeça n'uma posição natural. Logo que isto foi concluido, Isabel e as suas amigas principiaram a chorar mais alto, com um choro ganido e espantado, em volta do esquife. Então o vesgo e cambado Coruja, com os seus arre-messos grotescos e irregulares disse-lhes com modo brusco e malcreado :

— Por um olho azeite e por outro vinagre minha corja de... Quem vos não conhecer que vos compre.

E referindo especialmente a Isabel accrescentou :

— Já trazes outro d'olho?

As mulheres, offendidas, responderam indignadamente :

— Calla-te, bebedo!

— Anda grandissimo borracho — remata com accento desprezível a beata Lindoria.

Depois, como o choro de Isabel se continuava d'um modo intenso e as suas amigas sabiam que lhe fazia mal, produzindo-lhe ataques em que parecia possuida do demonio, principiaram a vulgarisar-lhe o acontecimento, e a amesquinhal-o dizendo :

— Olha que não ficamos cá. Hoje por elle e amanhã por nós.

E Lindoria, com um aspecto vulgar e pouco sensibilizador, disse, chegando-se ao esquife, sorrindo :

Mas o que elle vae é muito lindo. Pódes ter essa gavança, mulher. É um gosto olhar para elle.

A final veio-lhes a lembrança sensatissima de que Isabel precisaria de comer, e disseram :

— Tu has de estar por força fraca, e esse chorar faz-te mal, pode-te cair no coração.

A viuva recusou-se teimosamente, dizendo que não lhe entraria nada na bocca, que lhe parecia que tinha comido o seu ultimo bocado, e, fallando em morrer, o seu desespero era enorme e as suas palavras afflictivas.

Porem Lindoria, com a sua grande prudencia, dizia-lhe reprehensiva, com auctoridade :

— Estás tola, repara! Não querer comer! São lá coisas que se digam. Olha que até offendes ao Senhor que te creou!

E por isso, sem consentimento da viuva, combinaram em lhe arranjar *alguma coisa*. Como era no tempo da matança dos porcos, uma vizinha que

morava paredes meias com Isabel foi-lhe arranjar uns rojões e trouxe-os junctamente com uma voz convidativa e discreta disse, logo ao entrar :

— Vamos a elles enquanto estão quentes e não vem por ahí gente á agua benta...

— Tens razão, tens — confirmou a prudente Lindoria com aspecto guloso.

Isabel obstinava-se dizendo com a mão apertada na garganta :

Esta (a morte do Chibante) não me passa d'aquí. Agora é que fico para toda a vida. O que eu tenho passado em sete annos!...

Era o tempo que lhe tinham durado os trez maridos.

Uma das mulheres prudentes e sensatas que a cercavam disse-lhe :

— É isso verdade mulher. Razão tens tu. Mas se é vontade de Deus? (interroga de cara alta). Agora sem comer é que não somos nada n'este mundo.

E para a incitarem, para lhe quebrarem os ultimos melindres, principiaram ellas a comer rojões com a mão e a beberem vinho, todas pela mesma infuza.

O morto estava no esquife, com o seu habito de *terceiro*, sobresaindo na brancura do lençol de panno fortemente engommado, com recortes vistosos, que caíam dos lados. Tinha as pernas alinhadas, as mãos agarrando um ramo d'oliveira, e no rosto, pallido e soffredor, a dolorosa expressão resignada dos que teem sentido o ultimo momento da vida. Á cabeceira do esquife, sobre uma velha caixa de pinho coberta por uma toalha, estava um crucifixo, com duas velas dos lados; aos pés, a caldeira d'agua benta com um ramo dentro, esperava os amigos do finado, que tinham de vir espargir, resando. Sobre aquelle cadaver havia a suprema serenidade da morte impassivel, severa, com toda a sua profunda austeridade absorvente.

Isabel depois de reiterados convites das suas amigas principiou a comer com moderação e com pouca vontade.

— Isto é para vos satisfazer; porque elle não me passa d'aquí — dizia, apertando novamente a garganta.

Lindoria com um ligeiro riso cyniquo provocava-a :

— Entra-lhe mulher, anda-lhe. É necessario.

E olhando preventivamente para a porta accrescentava :

— Por ora não vem ninguem, pódes ter a certeza.

Mas, pouco depois, sentiram passos que se approximavam. Uma das mulheres metteu no forno, com precipitação, o prato dos rojões, deixando a porta aberta imprevidentemente. Outra escondeu com sagacidade a infuza debaixo d'um banco. Depois, compondo-se com rapidez, tomaram as suas attitudes chorosas, fallando com lagrimas no caso presente, lamentando esta perda e dando á dorida as melhores consolações. Instantes depois appareceu o velho Agrella, que vinha resar pelo morto.

O alfaiate entrou com face respeitosa e compungida. Resou cordatamente, com sinceridade e em seguida entrou no circulo das creaturas que ensinavam Isabel a resignar-se.

A mulher do José Chibante tinha intermitencias de sentimentalidade — umas vezes chorava alto lamentando-se do só que ficava, achando-se enormemente infeliz e desgraçada; outras, entrava socegradamente em detalhes, em referencias, em particularidades do modo como vivera com o fallecido.

No entretanto, um gato negro da vizinhança, en-

trou pela porta dentro, observando serenamente, revolvendo com sagacidade os seus olhos redondos e luminosos. Com a imperceptibilidade d'uma sombra dirigio-se para junto do forno, levantou com mansidão a cabeça e averiguou olfativamente. Firmou-se em seguida nas pernas, arqueou o corpo, estendeu-o, retesou-se, e, fazendo um salto, entrou pela porta do forno. Pouco depois voltou, saltando ao chão, e trazendo um rojão que poisou socegradamente junto do esquife e principiou a comer com o sófrego appetite do gulotão.

O Agrella via tudo isto com clareza, e o gato foi buscar mais rojões, que veio comer junto da caldeira d'agua benta. O alfaiate teve immediatamente conhecimento da scena que se teria passado antes da sua entrada desagradavel e inconveniente. A infuza que vio debaixo do banco e que uma das carpi-deiras procurava encobrir, espalhando a saia, completou-lhe o quadro. Porem o seu rosto foi impene-travel, e continuou a seguir a linha das lamentações, fallando das qualidades excellentes do homem d'Isabel.

Lindoria, a velha beata, compungida e lacrimosa, era quem mais salientemente reclamava as boas palavras, os elogios as lagrimas para a memoria do defunto, que alli estava, serenamente deitado n'aquelle esquife. Ao mesmo tempo que lamentava os irreparaveis estragos da morte, via, apoplectica de raiva, o malvado gato negro que entrava no forno repetidas vezes, trazendo sempre rojões. N'um momento, lançando olhares furtivos ao *ladrao* disse, n'uma voz lamentosa, uma d'essas phrases equivocas, que denunciavam a sua alma :

— *Ab morte negra, morte negra!* — dizia a beata cheia de compuncção — *que assim os vaes levando a um e um!*

O Agrella ouvindo isto levantou-se sereno e talvez indignado. Baixou-se sobre o banco, pegou na infuza de vinho escondida, e dando-a para Lindoria, disse-lhe n'uma voz compungida e d'um comico ardente :

— Pega lá mulher, deita *áquelles defuntos* d'esta agua benta.

E saio socegradamente pela porta fóra. Lindoria veio até á soleira e chamando-o com uma voz convidativa e cheia de confiança dizia-lhe piscando-lhe um olho :

— Ó Agrella, Agrella! Anda cá pedaço de trante. *Tamem és bó.*

Porém elle, ao riso conciliador e ás boas palavras convidativas, respondeu-lhe simplesmente com um gesto dizendo :

— Olha....

E distanciou-se com passo natural.

BENTO MORENO.

## A FADA AZUL

Um dia a fada azul desceu á terra com o intento de distribuir, a todas as suas filhas, as habitantes dos varios paizes, os thesouros de mercês que trazia consigo.

O seu anão Amaranthe tocou a busina, e immediatamente uma joven de cada nação se apresentou aos pés do throno da fada azul.

N'um instante todas estas unidades juntas formaram uma multidão consideravel. A boa da fada disse a todas as suas amigas :

« Desejo que nenhuma de vós se queixe da da-



diva que lhe vou fazer : Não me é possível dar-vos a cada uma a mesma coisa; uma uniformidade semelhante não lhe subtrairia todo o merito? »

Como o tempo é precioso ás fadas, fallam pouco. A fada azul limitou ao que vai dito o seu discurso, e começou a distribuição dos presentes. Nenhuma teve razão de queixa.

Deu á joven que representava todas as Castellas, cabellos tão negros e tão compridos, que podia fazer d'elles uma mantilha.

Á Italiana, deu olhos tão vivos e ardentes como uma erupção do Vesúvio no meio da noite.

Á Turca, uma nediez roliça como a lua e suave como a pennugem do cysne.

Á Ingleza, uma aurora boreal para tingir as faces, os labios e os hombros.

A uma Allemã, dentes como ella propria tinha, e — o que não vale mais do que uns bonitos dentes, mas que tambem tem o seu valor — um coração sensível e profundamente inclinado a amar.

A uma Russa, a distincção d'uma rainha.

Depois, passando ás particularidades, collocou a alegria nos labios d'uma Napolitana, a graça na cabeça d'uma Irlandeza, o bom senso no coração d'uma filha da Hollanda, e quando já não tinha mais que dar, levantou-se para proseguir o seu voo.

« E eu! disse-lhe a Parisiense, sustendo-a pela orla fluctuante da túnica azul.

— Ai esqueci-a!

— Completamente.

— Estava tão perto de mim, que a não vi. Que lhe posso eu agora fazer? O sacco dos presentes está vazio. »

A fada pensou um momento, depois, com um aceno chamando a si todos as suas encantadoras obsequiadas, disse-lhes : « Sois boas, porquanto sois bellas. Compete-vos dar satisfação de uma injustiça muito grave que commetti: esqueci, na minha distribuição, a vossa irmã de Paris. Peço a cada uma que se desprenda d'uma parte do presente que lhe fiz e que a dê á nossa Parisiense. Perdereis pouco e indemnizareis muito. »

Quem é capaz de recusar-se a uma fada, e especialmente á fada azul?

Com a amabilidade que sempre distingue as pessoas felizes, estas damas chegaram-se uma após outra á Parisiense, e deitaram-lhe, ao passarem por ao pé d'ella, uma um punhado dos seus bellos cabellos pretos, outra um pouco do rosado da tez, esta um resplendor da sua viveza, aquella o que poude da sua sensibilidade, e aconteceu assim que a Parisiense, a principio muito obscura e insignificante, achou-se n'um instante, em virtude d'esta partilha, muito mais rica e muito mais bem dotada do que qualquer das suas companheiras.

A fada azul já tinha subido ao céu, sorrindo-se.

LÉON GOZLAN.

## GUERRA DO ORIENTE

### OS BACHI-BUZUKS

Este nome é composto de duas palayras turcas : *bachi*, cabeça, e *buzuk*, doida, má cabeça.

Quando um turco não sabe o que ha de fazer de si, pega na espingarda e monta a cavallo; se não tem cavallo vae roubal-o, e está feito *bachi-buzuk*. Em tempos de paz, o *bachi-buzuk* é o odio ao christão incarnado no homem, o seu officio é viver á custa do desgraçado

raya, como companheiro inseparavel do recebedor d'impostos. Se uma aldeia é rica, paga para se ver livre d'este hospede incommodo; se é pobre é saqueada com o pretexto de se cobrarem os impostos. Todos os vagabundos do imperio são *bachi-buzuks*, e acontece muitas vezes que o proprio governo é molestado por estas quadrilhas que praticam o roubo a descoberto, organisando-se sem lhe darem parte.

Em tempo de guerra, os *bachi-buzuks* deveriam representar o papel da cavallaria irregular dos outros paizes, dos cossacos por exemplo. Nenhuma comparação, porém, se pôde fazer entre os arrojados exploradores russos e estes bandidos.

Como cada um se veste e se arma conforme pôde, ou antes segundo o vestuario e as armas que poude roubar, um batalhão de *bachi-buzuks* apresenta um aspecto variadissimo de trajos e typos. Estas levas de voluntarios são fornecidas principalmente pelas raças cuja submissão á Porta não é tão completa quanto se poderia desejar, para que fôsse possível recrutar entre ellas os contingentes do exercito regular. A maioria compõe-se de Arabes, Syriacos, Albaneses, Kurdes, Tcherkesses e Ponaks (Bulgaros musulmanos). No entretanto ha n'estas fileira um typo que predomina, e é o do homem magro, de pernas nervosas, de calção muito largo e polainas altas, jaleco grego apertado na cintura por uma cinta de lã, e cabeça coberta por um barrete alto ou por um turbante enorme, cujo tamanho dá a medida do zelo das suas convicções religiosas. Um arsenal de facas de todas as dismensões e de pistolas de todos os feitios presas á cintura completa pittorescamente esta physionomia de saiteador.

Este heroe do assassinato, do roubo e da rapina só é bravo quando tracta de defender a pelle e não pôde fugir para a salvar. Toda a sua estrategia consiste em pôr-se de emboscada. D'ali espia o inimigo e dispara sobre elle, se está certo que é mais fraco e menor em numero. Feroz e carniceiro, se consegue matal-o cae-lhe em cima para lhe cortar a cabeça, e despojal-o até ao ultimo botão. É tão implacavel e inveterado o odio que tem ao christão, que ainda depois de cadaver mostra na physionomia a expressão de rancor e de raiva coacetrada, que a morte não poude debellar.

### DO LADO DOS RUSSOS. — APANHADO COM AS MÃOS ENSANGÜENTADAS

O facto que temos ali presente é bastante vulgar na actual campanha dos Russos. Aquelle *Bachi-Buzuk* foi preso pelos Ulanos Russos no momento em que estava commettendo alguma atrocidade, e é arrastado á presença do commandante para ser julgado. O julgamento será rapido e severo. Não ha senão uma sentença para taes crimes — a morte.

### DO LADO DOS TURCOS BULGAROS CONDEMNADOS Á FORÇA, SOB A ACCUSAÇÃO DE TEREM MUTILADO MAHOMETANOS

D'uma parte e d'outra tem havido credades e atrocidades sem conto. Mas pede a justiça que se diga que os Russos n'esta campanha tem sido menos barbaros do que os Turcos. Os Russos deixam a vida aos seus prisioneiros, mas os Turcos entendem que é necessario forjar uma accusação qualquer para os condemnar á morte. Isto em alguns casos. N'outros, dispensam a accusação e cortam a cabeça a todo o christão que lhes cae nas mãos, sem mais forma de processo. Mais fanaticos do que os Russos, o fanatismo torna-os ferozes e sanguinarios.

No caso que representa a nossa gravura talvez a accusação seja legitima. Os Bulgaros Christãos teem aprendido a ser cruéis com os Turcos. Mais d'uma vez se teem queixado os Russos por se verem obrigados a combater ao lado d'elles. Em louvor das authoridades Russas devemos dizer que teem sido inuteis todos os esforços feitos até agora para os impedir de praticar actos que deshonram a bandeira que servem. Tem chegado a tal ponto a barbaridade dos Bulgaros, que um official Russo vio-se obrigado a dizer : « Vimos á guerra contra os Turcos para proteger os Bulgaros, e agora temos que combater os Bulgaros para proteger os Turcos. »

## REVISTA BIBLIOGRAPHICA

Decorreu o ultimo mez, sem terem apparecido novas publicações litterarias ou scientificas; e por isso será breve a nossa revista que tem um caracter quasi exclusivamente noticioso. Em Portugal são numerosas as traduções de livros estrangeiros, e superabundantes as publicações litterarias periodicas; os jornaes litterarios vivem quasi sempre vida ephimera; mas com infatigavel perseverança são substituidos por outros que tem igual duração. Dos livros portuguezes não se pôder dizer o mesmo. Decorrem ás vezes mezes, sem que a chronica possa registar novas publicações, se excluirmos os relatorios, e os almanachs que pullulam. Estamos n'um d'esses periodos de esterilidade, que os ardores do estio peninsular talvez justifiquem.

Se o leitor se não contenta com esta explicação, não nos compete neste logar descermos a averiguações mais profundas.

Para os editores portuguezes é que nós reservamos hoje todos os nossos applausos. A boa vontade, e a coragem de editores são inexcusaveis, e dignas dos maiores encomios. Nem mesmo a falta de authores os desanima! Assim elles, esses benemeritos cidadãos, tivessem á sua disposição quem escrevesse livros... livros bons, entende-se!

Uma das empresas editoras de Lisboa, a empresa das *Horas Romanticas* está actualmente publicando uma obra de incontestavel utilidade. É um *Diccionario de Geographia Universal*, composto segundo os trabalhos geographicos dos meliores authores, contendo copia de esclarecimentos e informações necessarias ao commercio, ás artes e industrias, e muito desenvolvido na parte concernente a Portugal, ás colonias portuguezas e ao Brazil.

A parte já publicada do Diccionario chega quasi ao fim da letra B, e comprehende 31 fasciculos in-folio. Cada mez se distribuem dois fasciculos.

Em todos os paizes, os grandes Diccionarios especiaes completam as informações das pequenas e grandes Encyclopedias, que pela sua mesma universalidade são obrigadas a limites muitas vezes restrictos. Em Portugal parece começar a comprehender-se a vantagem destes Diccionarios, e a empresa das *Horas Romanticas* contribue nesta publicação com um subsidio apreciavel.

### Tragédia Infantil, por Guerra Junqueiro.

É um poemeto destinado ás crianças pelo notavel e fecundo poeta.

O Sr. Guerra Junqueiro é um dos poetas portuguezes modernos, de imaginação mais poderosa e viva. Não é um poeta de sentimentos individuaes; nem um sonhador apaixonado de um ideal mysterioso; nem um visionario que prescrua com o olhar fixo as regiões insondaveis do *Cosmos* ou o mysterio indecifrável da Consciencia. É principalmente um artista. As idéas que agitam o seu tempo, transforma-as elle em imagens radiosas que affluem em torrentes, e que se enlaçam e entrelaçam em infinitas combinações. As suas opulentas estrophes tem a força vigorosa de quem, com a facilidade e abundancia da inspiração, possui todos os segredos da arte.

JOÃO TEDESCHI

## VARIEDADES

EXPOSIÇÃO DE 1878 — O PAVILHÃO CENTRAL DO PALACIO DO TROCADERO. — Em França não existe contrucção alguma que attinja as dimensões d'este pavilhão : será unica, quer como largura, quer como altura.

Para darmos uma idea diremos que a altura interior será de 66 metros, e que as quatro torres que flanqueiam o pavilhão terão 83 metros de alto.

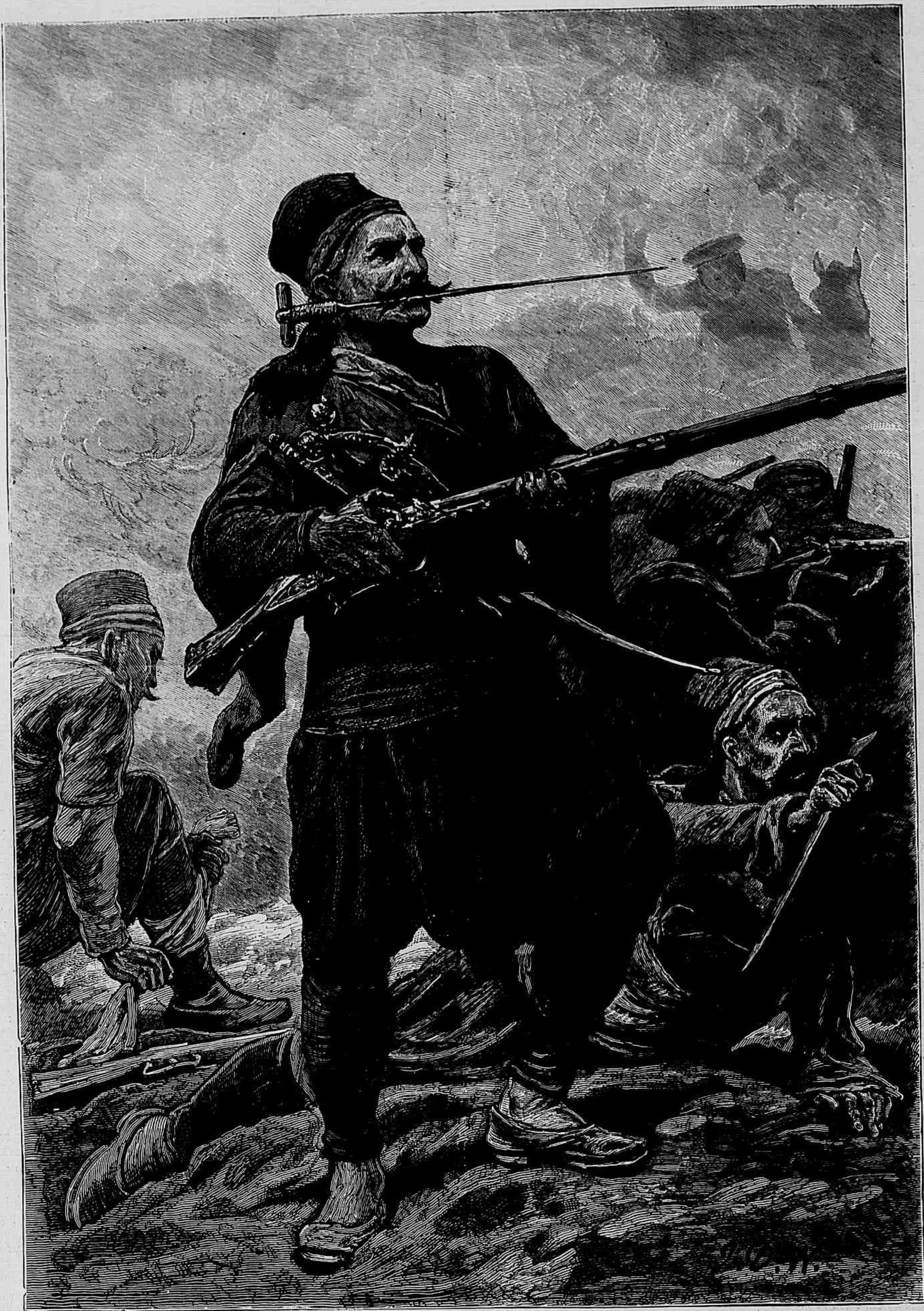
Haverá 40 estatuas sobre os pillares exteriores que chegam todos já á altura devida.

Esta sala poderá conter 600 pessoas.

..

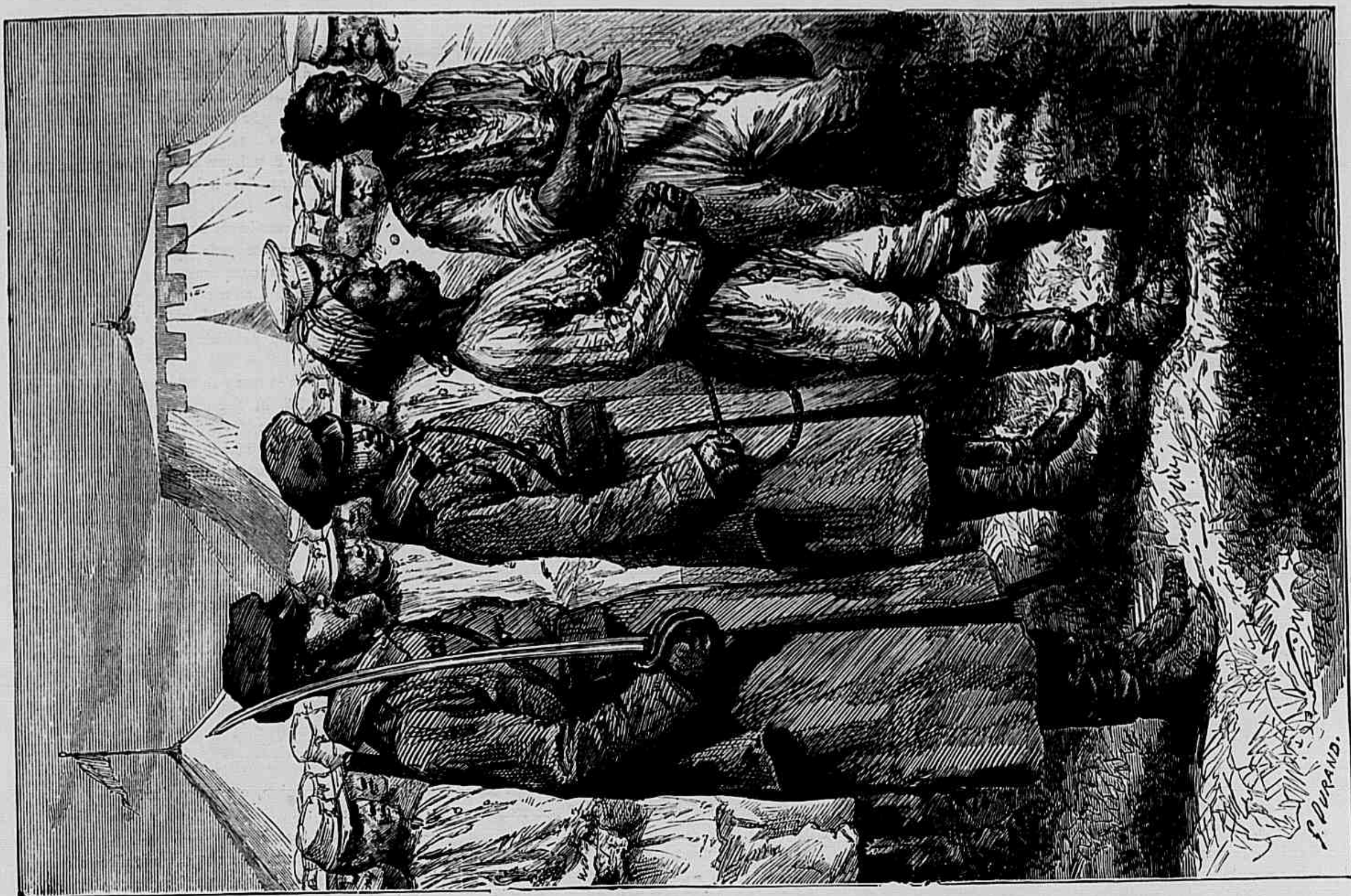
OS POMBO CORREIOS. — Fizeram-se ultimamente varias experiencias com o fim de ver se se poderia obter communicações rapidas e promptas entre os barcos de pesca e a



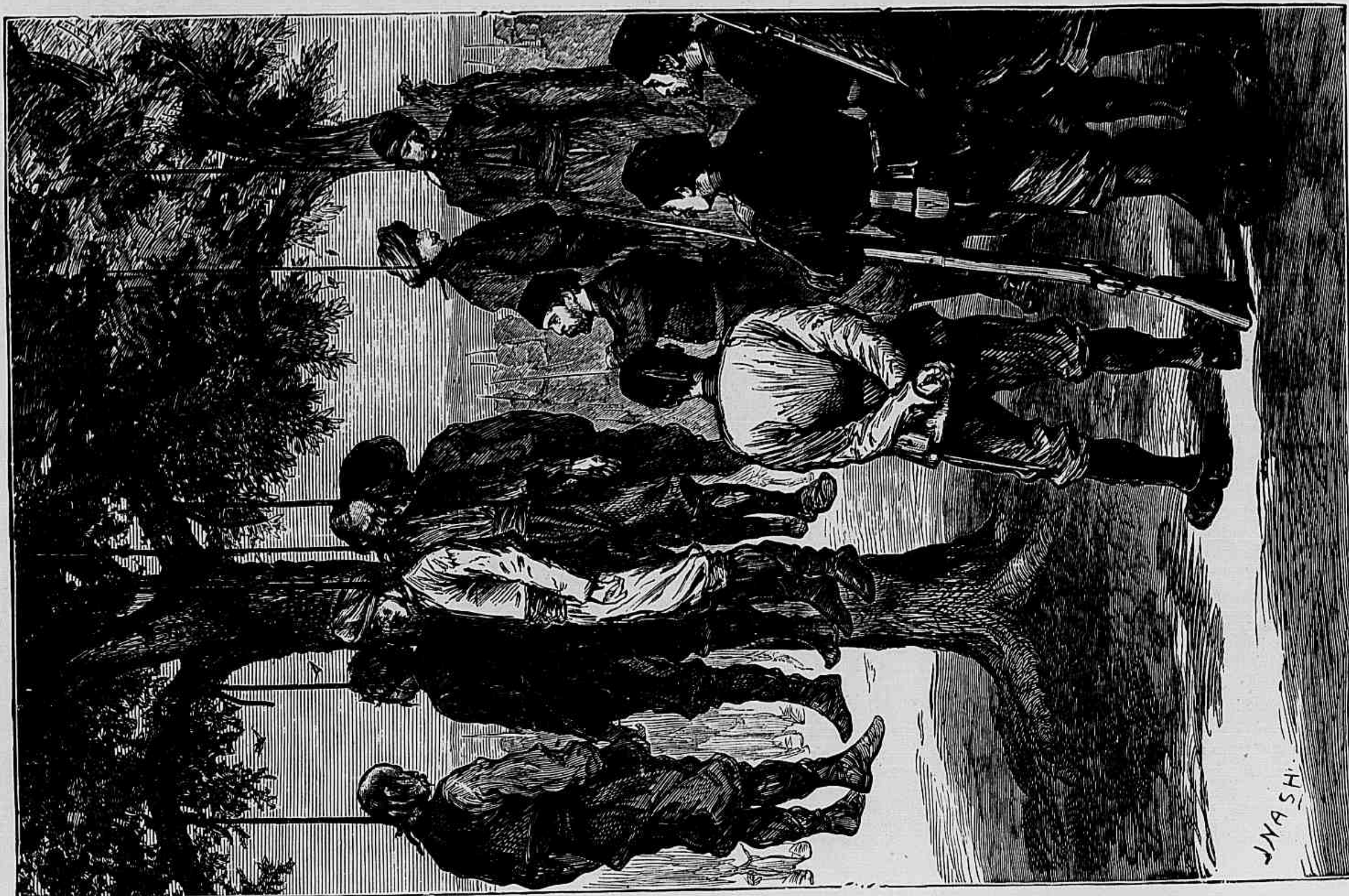


DO LADO DOS TURCOS : BACHI-BUZUKS ACOSSADOS





DO LADO DOS RUSSOS. BACHÍ-BUZUK APUANHADO COM AS MÃOS ENSANGUENTADAS E ABRASTADO  
À PRESENÇA DO COMMANDANTE



DO LADO DOS TUZUCOS: PERTO DE KARABURNAR — BULGAROS ENFORÇADOS SOB A ACCUSAÇÃO  
DE TEREM MUTILADO MAHOMETANOS EM ISKISARA



terra. Estas experiencias foram feitas na costas da Inglaterra, e obtiveram um resultado satisfactorio. Eis o processo :

Embarca-se um pombo a bordo de cada um dos barcos que saem para a pesca de tarde, e no dia seguinte depois de se terem puchado as redes e verificado a importancia da pesca, larga-se a ave depois de se lhe ter atado em torno do pescoço um pedaço de papel no qual vão escriptas a quantidade de peixe pescado, a posição do barco, a direcção do vento, a data provavel da volta, etc., etc.

Se a força ou a direcção do vento não é favoravel, podem por esta forma pedir um rebocador, que em vista d'estas indicações, não tem muita difficuldade em encontrar o barco.

Por este systema pôde-se, com a maior rapidez, dar parte das disposições que os interessados teem a tomar para expedirem, pôrem á venda, ou salgarem o peixe.

Estes pombos, apenas os soltam a bordo, dão invariavelmente trez voltas á roda da embarcação, antes de voarem para a costa.

UMA CORRIDA DE GATOS. — Que lhes parece, uma corrida de gatos! Foram os belgas que tiveram a honra da iniciativa. A primeira corrida de gatos foi feita ha quinze dias em Belœil, ao pé de Bonsecours, nas proximidades da fronteira franceza.

Havia setenta gatos alistados. Os donos faziam frente a todas as apostas que appareciam. Accudio immensa gente de toda a parte para assistir a este espectáculo. Transportaram o batalhão felino a quatro kilometros da aldeia, e apenas o Administrador deu as suas ordens, fez-se o signal da partida. Desgraçadamente, como alguns dos animaes hesitassem, e não se resolvessem a partir, o publico desatou n'uma salva de gargalhadas e gritos de tal ordem, que os pobres bichanos intimidaram-se, e d'elles uma boa parte fugio, indo cada qual para seu lado.

Foi assim que a favorita, a *Lôlô*, uma gata grande listada de amarello e preto, ludibriou os amadores que tinham depositado toda a confiança n'aquellas compridas pernas, n'aquelle flexivel dorso, n'aquella elegante cintura e n'aquellas brillhantes côres, subtrahindo-se á corrida e fugindo para o lado opposto, a caminho da cidade d'Ath. Que desespero! Umhas poucas d'horas depois viram-na no campo, a trez léguas de Belœil. Corria que parecia que levava fogo. No entretanto, houve gatos que cumpriram com denodo o seu dever. Consta o primeiro prémio d'um bule de prata, e foi ganho por Minette, uma linda gata branca, de olhos azues, que antes parecia destinada para as caricias e remanso da lareira, do que para os ardores da lucta a toda a brida.

Os belgas dizem que vão fazer outra tentativa; mas o que é indispensavel é que haja picadores. Não ha remedio senão estabelecer uma escola de picadores para os gatos.

PARIS. — A cidade de Paris regista o movimento da população. Vêem-se ás vezes, nos angulos das encruzilhadas onde vão dar muitas ruas, varios homens com uma carteira de notas na mão e um lapis, tomando apontamentos; são pessoas encarregadas de verificar o numero de carruagens e pessoas a pé que passam por esses sitios, nas diferentes horas do dia. Essas notas constituem os elementos d'uma estatistica muito util. A direcção das obras publicas de Paris acaba de publicar sobre este assumpto um trabalho interessantissimo, d'onde tirámos as algarismos que seguem, que representam comparativamente quanto são frequentados os diversos bairros pelas carruagens e cavallos.

As vias publicas mais frequentadas são as seguintes :

1º O *boulevard des Capucines* pelo qual passam, termo médio, 19,042 carruagens e 23,786 cavallos por cada vinte e quatro horas.

2º O *boulevard dos Italianos* : 18,182 carruagens e 21,372 cavallos no mesmo periodo.

3º A *rue Royale* : 16,177 carruagens e 20,255 cavallos;

4º A rua de Rivoli : 15,573 carruagens e um numero um pouco maior de cavallos;

5º O *boulevard Poissonniere* : 15,309 carruagens e 19,500 cavallos;

6º A rua de Santo-Antonio : 11,863 carruagens e 14,596 cavallos, por cada vinte e quatro horas.

A circulação diminue assim d'um ponto a outro, pois ao lado d'estas ruas, e d'estes *boulevards* onde é tão activa, encontram-se ruas que são tão pouco frequentadas como as de algumas cidades da provincia.

Assim, no *boulevard Poniatowski* passam apenas em cada vinte e quatro horas 502 carruagens e 722 cavallos; no *boulevard Brune*, 462 carruagens e 662 cavallos; *boulevard Victor*, 566 carruagens e 835 cavallos; *boulevard Sérurier*, 358 carruagens e 485 cavallos; rua de Puebla, 611 carruagens e 891 cavallos.

A Companhia Geral dos Omnibus de Paris publicou a seguinte estatistica.

Durante o anno de 1876, 649 carruagens foram postas em circulação, diariamente, por esta Sociedade; cada carruagem, termo médio, percorreu 91 kilometros, ou sejam por dia, para as 649 carruagens, 59,743 kilometros (a volta do mundo), e 21,77,115 kilometros no anno inteiro.

O numero de viajantes transportados foi de 111,250,663 durante o anno, ou 306,762 por dia. A receita média por viajante foi de 18 centimos (pouco mais de 32 réis).

Só os tramways de duas linhas (*Étoile* e *Trône*) funcionando quotidianamente durante o mesmo anno, e que são 39, andaram conjunctamente por dia 3,588. e no anno 1,309,620 kilometros.

O numero de viajantes transpostados pelos tramways d'estas duas linhas durante o anno foi de 12,631,660 viajantes.

Se sommarmos temos 123,882,323 pessoas transportadas pelas carruagens d'uma só companhia, mas se lhes juntarmos o numero de viajantes transportados pelos tramways d'outras companhias e pelos caminhos de ferro do interior de Paris, attingiremos a somma fantastica de 250 milhões de viajantes, dentro dos muros de Paris, produzindo uma receita de mais de 8,000 contos no espaço d'um anno.

AS NAÇÕES ESTRANGEIRAS NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1878. — Parce-nos util, no momento em que as contrucções do Campo de Marte começam a desenharem as grandes linhas do plano da Exposição Universal, lançar um rapido golpe de vista sobre as posições e o lugar que será occupado por cada uma das exposições particulares das nações estrangeiras.

Os pavilhões que lhes são destinados prolongar-se-hão de oeste a leste. A fachada ingleza, que comprehenderá 17 metros, appresentará um golpe de vista dos mais ricos e interessantes. A Gran-Bretanha liga uma grande importancia á sua exposição. Provavelmente será uma das primeiras a estar prompta. A Inglaterra mostra um desvelo e um orgulho aliás legitimos em exhibir aos olhos do mundo inteiro, d'um lado, as maravilhas da sua industria; do outro, as magnificas collecções d'objectos preciosos trazidos pelo principe de Galles na sua viagem recente á India.

Seguindo pela sua ordem encontrar-se-hão as exposições da Belgica, dos Paizes-Baixos, da Suecia e Noruega, do Imperio Austro-Hungaro, da Russia, da Suissa, da Italia, da Hespanha e a de Portugal. Cada pavilhão appresentará tanto na fachada como na construcção o caracter distinctivo, e gosto especial da nação a cujos productos se destina.

Os paizes longiquos não serão decerto aquelles que menos attractivos offerecerão aos visitantes da Exposição. Se começarmos pelos Estados mussulmanos das margens do Mediterraneo, o Imperador de Marrocos decediui-se a confiar a Europeus a organização da exposição dos productos do paiz que domina.

O Bey de Tunis tomou, desde o começo, as suas medidas para ser dignamente representado. As complicações que rebentaram no Oriente não impediram o khediva de dispôr as cosas de modo que podesse ter uma parte brilhante n'este grande concurso pacifico. O Sr. Mariette-Bey, o eminente director do museu de Boulacq, o paciente e engenhoso sabio que desentranhou tantas riquezas desconhecidas do seio da velha patria dos Pharaós, foi encarregado de organizar, n'um monumento especial reproduzindo fielmente o typo d'un templo do antigo Egypto, uma Exposição cujo interesse artistico e archeologico será muito apreciado pelos curiosos e conhecedores.

O extremo Oriente luctará em riqueza e esplendor com as mais brillhantes Exposições. Pela primeira vez, o Celesto Imperio será representado no estrangeiro por commissarios nomeados pelo governo china e pertencentes, em parte, á carreira administrativa. O presidente da commissão, inspector geral das alfandegas maritimas, o Sr. Roberto Ibart, dispõe de um credito illimitado para organizar a secção que diz respeito á China.

O reino de Siam e o imperio Birmão promettem interessantes specimens das industrias e das artes da peninsula indo-china.

O Japão será representado por uma commissão composta na sua totalidade de personagens japonezes.

Cremos que não nos aventuramos muito affirmando que a sua Exposição será ao mesmo tempo assumpto de extrema curiosidade para o publico, e de estudos comparados d'uma grande utilidade para os industriaes e fabricantes.

Juntaremos ainda algumas palavras a respeito da exposição da Persia. O Schah, que não esqueceu Paris, tem muito a peito que o seu imperio faça grande figura na Exposição de 1878. Não só adherio ao convite que recebeu, como acaba de mandar a Paris architectos persas incumbidos de, sem demora, construir no parque do Trocadero o pavilhão destinado á exposição dos mais bellos productos da industria persa.

Os planos estão passando pelo ultimo exame; dentro d'alguns dias as nações expositoras terão encetado a criação dos seus estabelecimentos singulares, cuja attrahente variedade concorrerá para fazer da proxima Exposição Universal o conjuncto mais curioso e mais notavel que ainda se viu.

Dois amigos. Um pobre, e o outro rico.

O pobre ao rico :

— Fazes-me um favor?

— Com todo o gosto. Mas antes de me dizeses o que és, has de prometter de fazer uma coisa que te vou pedir.

— Seja o que for, podes contar comigo.

— Não me peças dinheiro emprestado.

Um pastor protestante fazendo a sua prédica n'um collegio, a um grupo de meninas :

Se o teu inimigo te ferir na face esquerda, offerece-lhe a direita...

— E se me der um beijo — accode d'ali uma ladina de 15 annos — que hei de fazer?

O pastor sorrio-se, mas não respondeu.

Um official de diligencias appresenta-se n'uma quinta para fazer um embargo.

Logo que o avistam largam-lhe os cães de fila; o homem vê-se na dura necessidade de se afastar sem proceder.

Quando chegou a casa, perguntaram-lhe se tinha sido bem recebido.

— Ora essa; até me quizeram dar de comer.... aos cães!

Taboleta de un pintor modesto :

Parecença completa : 4 libras

Meia parecença : 2 libras.

Ar de familia : dez tostões.

Proprietaire-Gérant : SALOMON SARAGGA.

Paris. — Typ. Ch. Unsinger, 83, rue du Bac

Papel da Casa Mac Murray, de Londres.



# VIAGENS MARAVILHOSAS

AOS MUNDOS CONHECIDOS E DESCONHECIDOS

POR

JULIO VERNE

VERSÃO PORTUGUEZA ILLUSTRADA

|                                                                              |       |
|------------------------------------------------------------------------------|-------|
| DA TERRA Á LUA                                                               |       |
| 1 vol. com 43 grav. (2. <sup>a</sup> edição) brochado. . . . .               | 900   |
| Á RODA DA LUA                                                                |       |
| 1 vol. com 44 grav. (2. <sup>a</sup> edição) brochado. . . . .               | 900   |
| A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS                                             |       |
| 1 vol. com 58 grav. brochado. . . . .                                        | 1.000 |
| AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS                                                |       |
| 1. <sup>a</sup> parte, Os INGLEZES NO POLO NORTE, 1 vol. com 135 grav. br. . | 1.100 |
| 2. <sup>a</sup> parte, O DESERTO DE GELO, 1 vol. com 135 grav. brochado. .   | 1.100 |
| CINCO SEMANAS EM BALÃO                                                       |       |
| 1 vol. com 76 grav. brochado. . . . .                                        | 1.100 |
| AVENTURAS DE 3 RUSSOS E 3 INGLEZES                                           |       |
| 1 vol. com 54 grav. brochado. . . . .                                        | 900   |
| OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT                                                   |       |
| 1. <sup>a</sup> parte, AMERICA DO SUL, 1 vol. com 72 grav. brochado. . . .   | 1.100 |
| 2. <sup>a</sup> parte, AUSTRALIA MERIDIONAL, 1 vol. com 54 grav. brochado. . | 1.100 |
| 3. <sup>a</sup> parte, OCEANO PACIFICO, 1 vol. com 48 grav. brochado. . . .  | 1.100 |

|                                                                               |       |
|-------------------------------------------------------------------------------|-------|
| VIAGEM AO CENTRO DA TERRA                                                     |       |
| 1 vol. com 55 grav. . . . .                                                   | 1.000 |
| VINTE MIL LEGUAS SUBMARINAS                                                   |       |
| 1. <sup>a</sup> parte, O HOMEM DAS AGUAS, 1 vol. com 54 grav. brochado. . .   | 1.000 |
| 2. <sup>a</sup> parte, O FUNDO DO MAR, 1 vol. com 60 grav. brochado. . . .    | 1.100 |
| A ILHA MYSTERIOSA                                                             |       |
| 1. <sup>a</sup> parte, Os NAUFRAGOS DO AR, 1 vol. com 52 grav. brochado. . .  | 1.100 |
| 2. <sup>a</sup> parte, O ABANDONADO, 1 vol. com 52 grav. brochado. . . . .    | 1.100 |
| 3. <sup>a</sup> parte, O SEGREDO DA ILHA, 1 vol. com 50 grav. brochado. . . . | 1.100 |
| MIGUEL STROGOFF                                                               |       |
| 1. <sup>a</sup> parte, O CORREIO DO CZAR, 1 vol. com 46 gravuras. . . . .     | 1.000 |
| 2. <sup>a</sup> parte, A INVASÃO, 1 vol. com 46 grav. brochado. . . . .       | 1.000 |
| O PAIZ DAS PELLAS                                                             |       |
| 1. <sup>a</sup> parte, O ECLIPSE DE 1860, 1 vol. com 52 grav. . . . .         | 1.000 |
| 2. <sup>a</sup> parte, A ILHA ERRANTE, 1 vol. com 53 grav. . . . .            | 1.000 |
| A CIDADE FLUCTUANTE                                                           |       |
| 1 vol. com 42 grav. brochados. . . . .                                        | 1.000 |

## AVENTURAS DE TERRA E MAR

PELO CAPITÃO MAYNE-REID

Collecção de Romances instructivos, illustrados pelos principaes Artistas francezes

|                                             |       |
|---------------------------------------------|-------|
| O DESERTO D'AGUA                            |       |
| 2 vol. com 24 grav. brochados. . . . .      | 1.000 |
| OS NAUFRAGOS DA ILHA DE BORNÉO              |       |
| 2 vol. com 23 gravuras, brochados . . . . . | 1.000 |

|                                            |       |
|--------------------------------------------|-------|
| OS PLANTADORES DA JAMAICA                  |       |
| 2 vol. com 23 gravuras, brochados. . . . . | 1.000 |
| OS JOVENS ESCRAVOS                         |       |
| 2 vol. com 28 gravuras, brochados. . . . . | 1.000 |

Qualquer d'estas obras encadernada em percalina, impressa a preto e ouro fino : 1.400 reis.

À VENDA NA EMPRESA HORAS ROMANTICAS, RUA DA ATALAYA, 42, LISBOA



DICCIONARIO  
DE  
GEOGRAPHIA UNIVERSAL

POR

UMA SOCIEDADE DE HOMENS DE SCIENCIA



Composto segundo os trabalhos geographicos dos melhores auctores portuguezes, brazileiros, francezes, inglezes e allemães, e de accordo com as ultimas publicações geographicas e estatisticas dos differentes paizes;

COMPREHENDENDO

TODOS OS ESCLARECIMENTOS E INFORMAÇÕES

INDISPENSÁVEIS COM RELAÇÃO AO COMMERCIO, ÀS ARTES E INDUSTRIAS FABRÍLS

*Desenvolvido consideravelmente na parte que diz respeito a*

PORTUGAL, PROVINCIAS ULTRAMARINAS  
E BRAZIL

PORTUGAL. — Cada fasciculo de 16 Paginas com a competente capa, 100 réis fortes (franco de porte).

Para o estrangeiro e ultramar accresce o porte do correio.

Continuam a receber-se assignaturas na Empreza Horas Românticas. — Rua da Atalaya 42. — Lisboa.